



A formação do semioticista: experiência e paixão semióticas¹

Diana Luz Pessoa de Barros*

Resumo: Retomando as lembranças da experiência pessoal vivida em Paris nos seminários de Greimas e na convivência com ele, sobretudo, em dois momentos dos anos 1970, o texto menciona fatos que permitem contextualizar, de um lado, as atividades do grupo e o desenvolvimento da semiótica na França, e, de outro, a sua recepção e institucionalização em universidades da América Latina.

Palavras-chave: Greimas, Seminários, Semiótica, Escola de Paris

Neste artigo tratamos de forma pessoal e até mesmo emocional da experiência que vivemos em Paris nos seminários de Greimas, sobretudo, em dois momentos dos anos 1970, em 1970-71 e em 1976-77. Misturamos aqui questões ligadas à história semiótica e de sua recepção no Brasil, com a experiência do convívio com Greimas, que nos ensinou a confiança desconfiada necessária para os estudos da linguagem, do discurso e de sua significação.

Para começar, passo à primeira pessoa do singular, que cabe melhor aqui, e repito o que contei em meu memorial para Concurso de Titular na USP. Nasci em Monte Aprazível, cidadezinha do interior de São Paulo, filha da professora de primeiro ano responsável pela alfabetização de quase toda a cidade e do professor de geografia do Colégio estadual. Tive infância e adolescência com todos os lugares-comuns de vida em pequenas cidades do interior: com muitos amigos e dois irmãos mais novos, brinquei na praça do coreto, mais tarde com fonte luminosa (tivemos nosso prefeito “modernizador”), andei de bicicleta nas ruas de terra, aprendi a nadar na represa, fantasiei-me no carnaval, dancei no clube local e, melhor ainda, nos bailes das cidades vizinhas, apanhei goiabas e manga no quintal, tive o meu cinema “Paradiso”, fiz roupa nova para as procissões, estudei no Grupo Escolar, aprendi piano e francês. Até me casei com o filho dos vizinhos.

Fiz meus estudos nas escolas públicas locais, ingressei no curso de Letras da que é hoje a UNESP de São José do Rio Preto, a 30 quilômetros de Monte Aprazível, e, no último ano do curso, incentivada pelo pro-

fessor Alceu Dias Lima, inscrevi-me no Consulado da França para uma bolsa de estudos em Paris. A bolsa, com duração de um ano, forneceu-me a oportunidade de elaborar a dissertação de mestrado e representou, para quem saiu de Monte Aprazível, a ocasião de desenvolvimento cultural e intelectual e de aprendizagem de vida. Procurei inscrever-me em um grande número de cursos e seminários e deles participar ativamente, sobretudo na escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e no Centro Experimental de Vincennes. A primeira coisa a dizer sobre esse período e, sobretudo, a sentir é a lembrança de que foi um deslumbramento para a jovem interiorana de Monte Aprazível, alojada provisoriamente na Rue Tournafort e tendo assim, logo de chegada, a oportunidade de vagar, em pleno ano de 1970, pela Rue Mouffetard e de sentar-se em café na Place de la Contrescarpe. Graças a meus professores em Rio Preto, Eduardo Peñuela Cañizal, Ignácio Assis Silva e Alceu Dias Lima que, como outros professores e pesquisadores da América Latina, haviam lido *Semântica estrutural* (1973 [1966]) e percebido ali uma nova forma de tratar da linguagem, eu também havia lido *Semântica Estrutural* na Faculdade, entendido apenas um pouquinho, mas sentido e pressentido muito, e com esse “trunfo” e a falta de noção dos 20 anos, fui ver Greimas na hoje Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Contei a ele que estava me candidatando ao Diploma da Escola, que gostaria de obter com sua orientação. Ele foi gentilíssimo, quase paternal, e disse-me, em outras palavras, que isso era uma besteira, que o diploma da Escola não tinha ne-

¹ Uma primeira versão deste texto, com o título “Uma brasileira em Paris nos anos 70: experiência e paixão semiótica”, foi apresentada no Colóquio Internacional Greimas, na PUC, em março de 2017.

* Professora Emérita da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É bolsista produtividade IA do CNPq. Endereço para correspondência: (dianaluz@usp.br).

nhum valor fora da França, que eu deveria fazer uma *maîtrise* na Universidade francesa e encaminhou-me a Bernard Pottier. Aceitou-me também como participante regularmente inscrita em seu Seminário de Semântica Geral, nome do Seminário na época. Com a mesma inconseqüência de jovem e interiorana fui ver Pottier, a quem disse que queria fazer uma análise, na perspectiva de Greimas, de quatro contos de Maupassant e, pasmem, ele me aceitou, com toda certeza, devido à indicação de Greimas. Daí resultou a dissertação *Structure actantielle dans quatre nouvelles de Maupassant*, aprovada em 1971 na Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle e reconhecida como mestrado na Universidade de São Paulo. Greimas e a Semiótica, a partir daí, entraram para valer, na minha vida.

Passemos ao Seminário. O Seminário de Greimas de 1970-71 acontecia, semanalmente, na Rue de Varenne, em uma sala bem pequena e apertada no térreo, onde mal cabíamos – muitos ficavam em pé ou no chão –, enfumaçada – fumava-se bastante na época, sem medo ou culpa. Para mim, ao lado de uma atividade escolar, o Seminário era um momento de crescimento, vivido muito sensorialmente, conforme essa primeira descrição. Os alunos de Greimas mais adiantados, entre os quais eu não me incluía, apresentavam seus trabalhos, que o mestre discutia, criticava e elogiava. Foi um momento de boa aprendizagem da teoria por meio da prática analítica comentada e, principalmente, a ocasião de sentir que começava ali um projeto coletivo em que se acreditava e para o qual se trabalhava, ainda de forma incipiente, em um grupo coeso. Lembro-me bem de dois dos meus colegas que eu admirava e dos quais sentia um pouquinho de inveja pelo convívio mais próximo com Greimas e pelo pertencimento ao grupo ou à escola pressentida: François Rastier e Paolo Fabbri, com seu Inferno de Dante. E Paolo era também um “estrangeiro”. Quantas esperanças! Poderia dizer aqui, com Guimarães Rosa, em “Desenredo” (1985, p. 73), que “esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles [no meu caso, ela] de enorme milagre. O inebriado engano.” Inebriado é um bom termo para descrever esses meus primeiros momentos passionais com a semiótica e Greimas, pois inebriado significa segundo o Aurélio: bêbado, embriagado, extasiado, entusiasmado, enlevado. Some-se a isso o fato de o seminário acontecer na Rue de Varenne, quase em frente ao Museu Rodin, para cujo jardim povoado de beijos e pensadores íamos no intervalo, sem permitir que, mesmo na pausa, o arrebatamento arrefecesse. Bons tempos de crenças e projetos.

O pertencimento a que me referi fez-se sentir, pela primeira vez, em 1973, quando Greimas veio ao Brasil, trazido por Edward Lopes, para ministrar um curso sobre narratividade, de quase três semanas, em Ribeirão Preto. Durante o curso, ele disse que, ao me ver

entre os alunos em Ribeirão Preto, ele havia se sentido em “casa”, já que eu participara de seu Seminário em Paris. Acontecera o “enorme milagre tão esperado”, e, a partir daí, ele nunca mais deixou que eu me sentisse “de fora”.

Defendida minha tese de doutorado em outubro de 1976, fui para Paris, com carta-convite de Greimas e lá permaneci durante um ano, participando ativamente do seminário de 1976/1977. Essa estada em Paris foi uma experiência bastante diferente da primeira. Tendo já exercido, por cinco anos, as funções de professor na Universidade e terminado a tese de doutoramento, pude entrar em contato com pesquisadores da área e participar, com eles, de grupos de pesquisa, de seminários, de encontros e debates, em que apresentei trabalhos e troquei informações e experiências. Além disso, o seminário de Greimas havia mudado bastante.

Considero o seminário de 1976 e seu período como o grande momento dos seminários de Greimas. O seminário tratou da manipulação, ou seja, de uma ruptura significativa nos estudos semióticos pela transformação da sintaxe narrativa até então examinada em uma sintaxe modal. Ele era realizado às quartas-feiras na Rue de Tournon, em um espaço ainda pequeno para o número de participantes, mas bem maior que o da Rue de Varenne (vale a pena ver o estudo sobre o espaço do Seminário, desenvolvido por Manar Hamad e outros, 1977). Além do papel fundamental do seminário de 1976/77 para o desenvolvimento teórico e metodológico da semiótica, estou convencida de que ele também foi um marco na formação das novas gerações de semioticistas. Na minha, ao menos. Greimas criou, no período, o que chamávamos de meta-seminário ou de mini-seminário, para diferenciá-lo do “grande seminário” que acontecia na Rue de Tournon. O meta-seminário era realizado depois do “grande seminário”, para um grupo restrito, no gabinete de Greimas na Rue Monsieur-le-Prince. Participavam dessas reuniões semanais, portanto, apenas uns poucos pesquisadores convidados, para discussão de questões metodológicas, apresentação de obras que acabavam de ser publicadas e debates sobre projetos comuns e também sobre política acadêmica e científica. Além dos participantes fixos, outros eram solicitados a apresentar pequenas comunicações de interesse para as propostas do Grupo, como J. Rey-Debove, Cl. Brémond, Cl. Chabrol, M. Arrivé, M. De Certeau, L. Marin. Greimas distribuía livros e outros textos que recebia entre os participantes do grupo, para que falássemos deles aos demais. Coube-me resenhar e comunicar ao Grupo a análise semiótica do complexo de Édipo, do psicanalista argentino Isidoro Berenstein. Esse grupo de trabalho foi o mais marcante e proveitoso na minha estada em Paris, pois pude conversar com diferentes pesquisadores sobre minhas dúvidas, planos e perplexidades e fazer bons amigos. A tradição do encontro e das discus-

sões em grupos constituiu, para mim, uma experiência nova, agradável e produtiva e mostrou-me outro modo de se encararem a pesquisa e a produção científica e intelectual, concebidas como projetos coletivos, de que muitos participam e para cujo desenvolvimento todos contribuem com suas pesquisas individuais. Senti falta, na volta ao Brasil, desse clima de trabalho e de interesses comuns que se prolongava dos seminários, dos grupos de pesquisa e dos cursos para as mesas dos cafés, onde se trocavam textos, em geral, primeiras redações de futuras publicações, em busca de críticas e de sugestões.

As salas da Rue Monsieur-le-Prince eram o lugar de bons encontros, leituras e discussões e, sobretudo, de conversas com Greimas, mesmo fora dos dias e horários dos seminários. Mesmo ou sobretudo os estrangeiros sentiam-se parte de um grupo ativo e produtivo e responsáveis, com suas pesquisas individuais, por um projeto de pesquisa em desenvolvimento. Greimas dava-nos tarefas. No meu caso pediu-me coisas diversas: para organizar, com Paolo Fabbri, a biblioteca dos muitos *tirés-à-part* que recebia; para verificar se a tradução que estava sendo feita de sua obra para o espanhol era boa; para fazer uma síntese crítica das diferentes comunicações do Seminário sobre manipulação que seria publicada em *Structuralist Review*, nº 2; para levar a filha de um seu colega de Alexandria, no Egito, para passear em Paris, e, principalmente, para trabalhar pela divulgação e desenvolvimento da semiótica no Brasil.

A primeira delas, a organização, com Paolo Fabbri, da biblioteca de *tirés-à-part*, não foi concluída, mas permitiu que tivéssemos contato com muitos textos e, principalmente, que eu fizesse um bom amigo, de muita conversa e discussão, na Rue Monsieur-le-Prince e em cafés parisienses, sobre o desenvolvimento da semiótica, as propostas e críticas de Véron e outros, a vida de estrangeiros na França ou como os franceses não riam de nossas piadas. Paolo contou-me muito tempo depois que Greimas havia lhe dado os *tirés-à-part*, que hoje estão em sua biblioteca. A questão da tradução da obra de Greimas (que não era realmente boa) rendeu-me bons ensinamentos sobre o trabalho de pesquisa. Até hoje repito a meus alunos o que ele me disse na ocasião: que devemos ser ecléticos até aos 30 anos, mas não podemos continuar a sê-lo depois dessa idade. Além disso, mais tarde quando eu já estava no Brasil, pediu-me que cuidasse da tradução do dicionário em português. Guardo ainda essa carta. A síntese do seminário, lida e corrigida por ele, acabou não publicada na *Structuralist Review*, por problemas com a revista, e apareceu no primeiro número de *Le Bulletin* (1977), com o título *Vers une sémiotique de la manipulation*. Esse Boletim foi proposto na época como veículo de nossas discussões, debates e primeiras publicações. Levei a filha do amigo de Greimas

para conhecer Paris e pude sentir nele os gestos de afeto e amizade que marcavam suas relações.

Antes de tratar da última tarefa elencada, quero mencionar e reforçar uma questão relativa ao seminário de 1976/77: as muitas atividades complementares ou que aconteciam em torno do “grande seminário”. Além do meta-seminário já mencionado, havia cursos de formação e grupos de trabalho. Fui aluna de dois cursos – o de semiótica geral, a cargo de J. Courtés, e o de análise semântica do discurso, ministrado por J. Cl. Coquet – e participei de dois grupos de trabalho – um sobre semiótica literária, coordenado por F. Thürlemann, e outro sobre semiótica do visual, dirigido por J. M. Floch. No primeiro grupo, tratamos da manipulação em fábulas de La Fontaine e, a partir das análises, redigimos, Félix Thürlemanna, James Sacré, Jacques Fontanille e eu o texto “La Fontaine et la manipulation”. Apresentei, em nome dos demais, um extrato desse estudo no “grande seminário” sobre a manipulação e publicamos também parte dele no *Bulletin* 2-3. No segundo grupo, o de semiótica do visual, analisei objetos visuais e discuti exercícios realizados por membros do grupo, mas minha principal contribuição foi a apresentação, a pedido do coordenador, de algumas questões de semiótica narrativa e discursiva relacionadas aos problemas do visual, durante três reuniões semanais.

Nesses cursos e grupos, além de obter boa formação como semioticista e como pesquisadora, pude desenvolver as habilidades necessárias para o trabalho de pesquisa em equipe e, principalmente, fiz amigos. Mencionei, entre outros, Jacques Fontanille, Jean-Marie Floch e Félix Thürlemann que participaram comigo do anseio de formação e do entusiasmo pela semiótica. Essas relações marcaram fortemente o Seminário e minha vida pessoal e profissional.

Finalmente a última tarefa que mencionei foi a de trabalhar pela divulgação e desenvolvimento da semiótica no Brasil. Isso incluía muita coisa: traduzir textos e escrever outros, divulgar as revistas *Le Bulletin* e *Les Documents de Recherche*, institucionalizar a semiótica, formar novos semioticistas. Procurei dar a minha contribuição para o conhecimento e o desenvolvimento de um projeto científico em que acreditava e continuo a acreditar. E foi um contrato reiterado por cartas e outros encontros.

As cartas mostram bem essa preocupação de Greimas com a “causa semiótica”: em carta de 1978 ele começa por me dizer: “Il y a longtemps que nous n’avons plus de vos nouvelles: est-ce que cela signifie que vous êtes déjà reprise par le contexte brésilien, récalcitrant au genre épistolaire?” [Já faz tempo que não temos tido notícias suas: isso significa que você já foi tomada pelo contexto brasileiro, infenso ao gênero epistolar?] Depois trata dos dois assuntos da carta, a difusão do *Bulletin* no Brasil e a publicação do *Dicionário*, em português. Nela ele menciona que tudo

isso deve acontecer “pour le bien de la cause sémiotique dans le monde” [pelo bem da causa semiótica no mundo]. Em outra carta, a preocupação era com as relações e intercâmbios entre semioticistas: Greimas pede-me para receber Eric Landowski em minha casa em São Paulo. Eu já conhecia Eric do seminário de 1976/77, mas sua vinda ao Brasil marcou o início de uma duradoura amizade e de bons intercâmbios acadêmicos. Eric recebeu, por exemplo, vários de meus alunos em Paris. Em carta de 1979, Greimas trata de outras formas da “causa semiótica”: “Je m’empresse de vous envoyer ce petit mot pour vous féliciter de la naissance d’une petite sémioticienne dont la présence sera certainement un stimulant dans votre vie et ceci sur tous les plans” [Quero prontamente enviar-lhe este bilhete com os parabéns pelonascimento de uma pequena semioticista cuja presença será certamente um estímulo para sua vida, em todos os aspectos] e completa: “Il ne faut pas oublier que la dénatalité menace également le peuple sémioticien” [Não podemos esquecer que a baixa da natalidade também ameaça a população semiótica]. Em seguida, ele retoma a questão da difusão do *Bulletin* e, nessa ocasião, também dos *Documents de Recherche* e da Associação ou Grupo de Pesquisas Sociosemióticas, de que me propõe ser a representante no Brasil. Em outras palavras, o Seminário era também lugar de desenvolvimento de política acadêmica e científica.

Para concluir meus alinhavos, gostaria de retomar a questão da divulgação e desenvolvimento da semiótica, mas agora da perspectiva dos estudos semióticos desenvolvidos no Brasil e na América Latina.

Os estudos semióticos na América Latina foram introduzidos, em geral, nos anos 60 e 70, bem no início, portanto da semiótica greimasiana, por professoras e pesquisadores que, como já mencionei, leram *Semântica estrutural* (1973 [1966]) e perceberam ali uma nova forma de tratar da linguagem, e que tiveram alguma relação mais pessoal com Greimas (foram seus alunos, de forma regular ou não, na Escola de Altos Estudos em Paris, como foi o meu caso e de outros também). Esses primeiros entusiastas da teoria semiótica formaram uma escola de semiótica em seus países na América Latina, pois levaram a sério a tarefa que Greimas nos propôs nos seus seminários iniciais: ofereceram cursos introdutórios e avançados nas universidades em que trabalhavam, escreveram livros de fundamentos, desenvolveram aspectos teóricos e metodológicos, fizeram muitas e variadas análises, traduziram para o português e para o espanhol estudos dos semioticistas franceses. As primeiras gerações de semioticistas na América Latina, formadas diretamente por Greimas e que participaram do *Groupe de Recherches Sémio-linguistiques*, tiveram papel fundamental na implantação e desenvolvimento da semiótica em seus países. Eram estudiosos ligados à tradição

universitária, com dois tipos de formação, principalmente: na área de Letras (linguística, teoria literária) e na de Comunicação e Artes. Em ambas, porém, com uma forte preocupação com a poética e a estética. Hoje, misturam-se várias gerações de semioticistas, nesses dois campos do conhecimento. Temos já “netos” e “bisnetos” intelectuais, doutores em Semiótica. A formação institucional em semiótica, com a disciplina- rização universitária, é um dos traços característicos de sua recepção e desenvolvimento na América Latina e, sem dúvida, o que lhe deu mais força e permitiu a adequada conciliação entre a novidade e a tradição. Desde os anos 1970, são oferecidas disciplinas semióticas em licenciaturas, bacharelados e cursos de pós-graduação.

Retomo agora os seminários. Eles foram, a meu ver, os textos, no sentido amplo que Greimas sempre lhes atribuiu, que mais bem o definem, com as características que fomos aqui apontando de forma um tanto desorganizada e emocional: constituíram um projeto coletivo de pesquisa bem amarrado e coordenado pelo mestre, mas que não tolhia a pesquisa individual e dela dependia; deram formação de base teórica em semiótica, sobretudo com os cursos complementares, mostraram seus grandes avanços metodológicos e suas possibilidades descritivas, formaram enfim pesquisadores na área, capazes de replicar essa formação; criaram veículos de divulgação da produção científica; estabeleceram laços estreitos de amizade entre muitos de seus membros e bons intercâmbios acadêmicos; desenvolveram política acadêmica e científica; permitiram que os semioticistas na América Latina, e essa foi sempre uma preocupação desses estudiosos, explicassem processos de significação do homem e da sociedade americanos.

Quero terminar dizendo que quando cheguei a Paris em 1976, levei para Greimas um exemplar de minha tese de doutorado, que acabara de defender na Universidade de São Paulo. A dedicatória trazia o lugar-comum desse tipo de discurso: *Com minha admiração e carinho*, mas para mim esses dizeres nada têm nem então e nem agora de frase-feita, pois expressam meu afeto e meu entusiasmo intelectual por alguém que contribuiu muito para que eu tivesse com meu trabalho e minha profissão essa relação inebriada que mencionei ao citar Guimarães Rosa. ●

Referências

Barros, Diana Luz Pessoa de
1977. Vers une sémiotique de la manipulation. *Bulletin du Groupe de Recherches sémio-linguistiques* (EHESS-CNRS), vol. I, n. 1. pp. 1-10.

- Fontanille, Jacques; Barros, Diana Luz Pessoa; Sacré, James; Thürlemann, Félix
1978. La Fontaine et la manipulation. Analyse de la fable 'Le dépositaire infidèle'. *Bulletin du Groupe de Recherches sémio-linguistiques* (EHES- CNRS), vol. I, n. 2-3. pp. 24-30.
- Greimas, Algirdas Julien
1966. *Sémantique structurale*: recherche de méthode. Paris: Larousse.
- Greimas, Algirdas Julien
1973. *Semântica estrutural*. Trad. Haqira Osakabe e Izidoro Blickstein. São Paulo: Cultrix: Edusp.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Jacques
12008. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto.
- Hammad, Manar; Arango, Sylvia; Kuyper, Eric; Poppe, Emile
1977. L'espace du séminaire. *Communications*, n. 27. Sémiotique de l'espace. Sous la direction de Pierre Boudon. pp. 28-54. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1977_num_27_1_1408
- Rosa, João Guimarães
1985. *Tutaméia*. Terceiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. pp. 73-75.

Dados para indexação em língua estrangeira

Barros, Diana Luz Pessoa de
La formation du sémioticien: expérience et passion sémiotiques
Estudos Semióticos, vol. 13, n. 2 (2017)
ISSN 1980-4016

Résumé: *Dans ce bref témoignage, nous faisons état de notre vécu personnel dans le cadre du séminaire parisien de Greimas, en particulier dans deux moments remontant aux années 1970. La mise en contexte de ces expériences éprouvées jette quelque lumière sur les activités menées par le Groupe de Recherches Sémio-Linguistiques (et, partant, sur le développement de la sémiotique en France), de même que sur la réception et l'institutionnalisation de la discipline dans les universités d'Amérique Latine.*

Mots-clés: Greimas ; Séminaires ; Sémiotique ; École de Paris

Como citar este artigo

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A formação do semiotista: experiência e paixão semióticas. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 1–5. Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 17/06/2017

Data de sua aprovação: 20/07/2017
